



| ENTREVISTA |

MATILDE ROSA ARAÚJO

«A alegria é sagrada,
mas a tristeza merece muito respeito»

Mariana Sim-Sim David | Joana Caldeira

Começou a escrever para as crianças por amor e porque é preciso conversar com elas. Ainda hoje esse diálogo se mantém, não só através dos livros, como nas muitas visitas que faz a escolas de todo o país. Os passos e os gestos são leves, como a roupa que veste, e por trás dos cabelos brancos e fininhos, os olhos e o sorriso que nos recebem são ainda de menina.

Matilde Rosa Araújo nasceu em 1921 em Benfica, na quinta dos seus avós, e licenciou-se em 1945 em Filologia Românica, pela Faculdade de Letras de Lisboa, com uma tese em que propôs a reportagem como género literário. Fez carreira no ensino durante quarenta e dois anos, tendo leccionado em diferentes graus, em escolas por todo o país. A par da experiência como professora começou a escrever para crianças, sendo *Poemas Infantis* e *O Livro da Tila* as suas primeiras obras (ambas publicadas nos anos 1950). A sua obra infantil, promovendo um diálogo profundo com as crianças, é de uma grande variedade de géneros (como poesia, novela, contos) e de contextos (em algumas obras retrata temas como a pobreza e o abandono). Foram-lhe atribuídos, entre outros, o Prémio para o melhor livro estrangeiro da Associação Paulista de Críticos de Arte (São Paulo, 1991, por *O Palhaço Verde*), o Prémio para o melhor livro para a Infância publicado no biénio 1994-1995 da Fundação Calouste Gulbenkian (1996, por *Fadas Verdes*) e o Prémio Consagração de Carreira da Sociedade Portuguesa de Autores (em 2004).

Começou a ler por impulso individual ou foi motivada por alguém?

Comecei a ler por impulso individual.

Quais os livros que a fizeram querer ler? E escrever?

Não sei explicar quais, mas houve. Mais tarde houve alguns livros que me tocaram imenso, que me fizeram viver aquilo que tinha de descobrir na vida. Os livros foram muito importantes. Por exemplo, o *Petit Prince* [SAINT-EXUPÉRY, Antoine de (1943): *O Príncipezinho*. Editorial Presença (2001)], *O Meu Pé de Laranja Lima* [VASCONCELLOS, José Mauro de (1968). Dinapress (1995)], também tão bonito, e livros portugueses, que houve também muito belos.

Quando é que começou a escrever para crianças?

Desde que fui professora. Eu digo que não escrevi para crianças por querer escrever para crianças, e foi mesmo assim. Comecei por ter alunos, muitos alunos, uns mais novinhos e outros mais velhinhos – mais velhinhos não, jovens... Foram eles que me ensinaram. Porventura, aprendi a escrever para eles com um diálogo, uma conversa, um rasgar de solidão que a própria criança pode ter e que o adulto não tem; uma comunicação, talvez a conjugação viva, em escrita, do verbo amar. Isto é esquisito...

De que maneira é que o seu trabalho de professora afectou a forma como percepciona as crianças?

Ensinou-me a entendê-las, a saber gostar delas, porque a criança é um ser muito importante; a criança tem voz, e ouvir essa voz, muitas vezes até sem palavras, é muito importante. Hoje estou com as crianças e [elas] são um livro imenso, que não acaba. Depois penso: «Quanto, mas quanto, nós ainda devemos à criança...» Apesar de ser o século da criança, de haver outro entendimento pela criança, ainda falta muita humanidade, muito amor, muito respeito pelos seus direitos.

Guarda algumas memórias em especial do tempo em que dava aulas?

Guardo, mas não sei percepcioná-las agora. Foram tantas que me custa... Eu chego, vejo aquelas crianças e é tão bom, tão bom! Venho para casa com outra alma, outra ou a mesma, [mas] um bocado mais viva, menos na «derrapagem». Fui uma vez a uma escola, há anos, não me lembro do nome da escola (verdadeiramente não me lembro, mas se me lembrasse também não dizia), e vejo o olhar de uma criança (vamos aprendendo a ler olhares) tão triste, tão triste, e pensei: «Esta criança é muito infeliz.» Ela chega-se ao pé de mim, e diz-me: «A senhora espera um bocadinho?», «Sim espero.» – O que é que ela queria? Foi a casa, que devia ser perto, e traz-me uma boneca de trapos suja. Era a única boneca que ela tinha (tenho-a ainda no meu «escritório»), e diz-me: «Fique com a minha boneca.», «Oh, meu amor, eu não fico com a tua boneca, então? Tu tens mais bonecas?», «Não, é a minha boneca. Mas fique com a minha boneca, eu quero que fique em sua casa.» Senti ali uma tragédia, qualquer coisa de muito triste, e fiquei com a boneca na mão, nos braços. Era uma criança abandonada e rejeitada, porque ela não a queria em casa. Uma das colegas, das professoras, explicou-me: «Sabe, a mãe, quando é chamada cá por qualquer motivo, pergunta: “Então como é que está o meu trambolho?”; a menina

é o “trambolho”.» A infelicidade da mãe, de ter uma filha e chamar-lhe «trambolho», e a infelicidade da criança... A boneca está guardada. Esta história parece inventada, mas, infelizmente, é autêntica. E penso quantos «trambolhos» haverá numa seara de amor...

Actualmente continua a ir a escolas. Porquê?

Porque me chamam e eu gosto muito. Vou assim pelas minhas pernas, pouco hábeis ou úteis, mas ajudam ainda, e lá vou. Gosto muito, muito, muito. É como se abrisse portas de um mundo que não é meu, mas também é meu, e faz-me pensar que estou com a criança de uma forma de certo modo útil: recebo amor e dou amor.

Que impressões é que tem em relação ao actual sistema de ensino?

Para onde vou – talvez seja privilegiada, mas não creio –, tenho tido o consolo de ver escolas com uma grande dedicação aos seus alunos, um saber estar com eles e pôr o livro nas mãos das crianças, fazer da leitura uma companhia e não uma obrigação, vivificar o livro. Lêem, comentam, são capazes de, por exemplo, quando é poema, e até prosa, viver o texto. Os professores sabem fazer isso. Esses colegas são realmente admiráveis, e não posso dizer de outra maneira, é assim. Pode achar exagero, paixão minha, mas não é.

O que a motivou a integrar projectos humanitários destinados às crianças?

Com certeza que foi a existência da criança como um ser que merece o nosso respeito, o nosso amor. Ainda estamos muito longe, apesar de já termos feito um caminho, de dar à criança o respeito, o carinho, o ensinamento que ela merece, porque ela também nos está sempre a ensinar muito, mesmo calada.

Que dificuldades é que sentiu quando começou a publicar livros para crianças, e que mudanças é que vem observando ao longo dos anos?

Eu tive a felicidade de editar o primeiro livro com o apoio da D. Maria Lúcia, que era a directora e proprietária da revista *Os Nossos Filhos*, uma senhora admirável. Foi aí que comecei a publicar *O Livro da Tila* [1.ª ed., 1957. Livros Horizonte, 2004], um livro pequenino e ilustrado por crianças. Hoje já não estou de acordo que a criança ilustre. Esporadicamente poderá fazê-lo, mas temos ilustradores, e já [então os] tínhamos, admiráveis. A Maria Lúcia ajudou-me a compor o livro – eu não sabia nada –, um livro pequenino. Quem ajudou graficamente foi um colega que eu admirava muito, e ao qual presto homenagem, o professor Calvério Magalhães, muito cedo longe da vida. Foi com a D. Maria Lúcia e a chancela d’ *Os Nossos Filhos* que publiquei esse livrinho para crianças. Tem havido uma progressão muito grande e eu tenho junto do meu caminho, para além de outros (mas para não esquecer ninguém, não menciono), uma pessoa que me acompanha na ilustração de alguns livros meus – até bastantes –, que é a Maria Keil. Essa mulher, artista admirável, tem mãos de asas de seda... Mas tem havido uma progressão, tanto no texto, na consciência do que é que é um texto para crianças, como na elaboração do livro como objecto, mais do que pela ilustração. Eu bem sei que já vivi muito, mas neste tempo a diferença é muito grande, felizmente.

Costuma reler os seus primeiros livros? Que relação tem com eles?

Custa-me... Queria sempre que fosse uma coisa que estivesse sempre perto da criança. É sempre com relutância que vou pegar nos livros (nos meus, porque nos outros gosto de pegar).

Que relação tem actualmente com *O Livro da Tila*?

Uma relação próxima e distante. Não sei explicar, foi um pingo do que eu escrevi, umas gotas que ali ficaram e estou contente por ter deixado cair essas gotas.

Que papel têm tido as editoras na sua carreira?

Eu fui sempre alheada da acção editorial. Estive na editora Livros Horizonte com o Rogério de Moura durante muito tempo. Como tive sempre muito trabalho, e talvez por nem sempre ser muito cuidada, nunca tive assim discussão de «quero assim, ou de outra maneira», e confiava. Fiz bem, talvez, e agora ultimamente tenho tido vários editores.

Há livros em que dá sugestões?

Não.

Entrega aos editores só?

Entrego. É talvez um despegar de mim própria, mas é a minha maneira de ser. Acho que acontece melhor assim.

Como é a relação que tem com os ilustradores?

É boa, muito boa. Então com a Maria [Keil] é um encantamento, uma fraternidade muito doce, e tive outros, claro – por exemplo, a Alice Jorge (e não me estou a lembrar de outros, desculpem-me).

Costuma entregar-lhes a história?

Entrego, depois se eles gostarem e quiserem, está certo. Ultimamente, também tive o Gémeo Luís e para *O Capuchinho Cinzento* [Paulinas Editora, 2005], o André Letria, que fez um trabalho muito bonito.

Como é a sua relação com os leitores? Costuma haver troca de correspondência?

Algumas vezes sim, e com os leitores é uma relação «tu cá tu lá», muito amiga. Gosto.

Que autores é que a influenciaram mais?

Houve tantos; há autores tão bons... Não sei dizer os que me influenciaram, mas um autor que admiro muito, e não lhe faço favor nenhum, era a Sophia de Mello Breyner – maravilhosa! Mas tive tantos, tantos! Não quero estar a mencionar... Actualmente tenho grandes autores e grandes amigos que partilham comigo a sua vida, por exemplo o António Torrado, a Maria Alberta Menéres, a Luísa Ducla Soares... Estou a esquecer alguns – a esquecer não, a cabeça não acode àquilo que está no coração... –, mas tenho muitos amigos, é tão bom a amizade, é o melhor investimento da vida, não pelo egoísmo, mas pela dádiva.

Quais as personagens de que se sentiu mais próxima?

Talvez o Joaquim n' *O Sol e o Menino dos Pés Frios* [Livros Horizonte, 2001], um rapazinho que conheci na praia do Campelo, muito pobre, que ia para a praia vender moinhos. Punha uma cana de moinhos, daqueles de papel de lustro, enterrada na areia e conversava comigo; um rapaz que era uma alegria. Depois, íamos tomar banho. Ele era pequenino, tinha oito anos nessa altura. Foram dois anos seguidos. Lá aparecia o Joaquim... Está aqui o retrato dele, por acaso. E o Joaquim dizia que os pais andavam de feira em feira, e que ele dormia à beira da estrada, numa taberna, num estabelecimento qualquer que o acolhia... Eu fiquei com a morada do Joaquim, ajudei no pouco que podia, porque era uma criança com uma alegria, ensinava tanto no seu ser de criança, era maravilhoso! A alegria com que ele rompia a água do mar; o mar e a criança, era lindo... O Joaquim escreveu-me ainda umas cartinhas muito de menino e depois deixou de escrever. Passado muito tempo, muitos anos, eu pensava «O que será feito do Joaquim?», até que se aproximou o tempo em que ele já podia ir para a guerra. «Teria ido para a guerra?», pensava, «coitado do Joaquim...» Um dia, passados já anos, vinha eu do magistério primário, da escola, o meu pai estava em casa, já doente, e disse-me: «Olha que quem veio bater à porta à tua procura foi o Joaquim.» O Joaquim! Tinham passado tantos anos, e era realmente o Joaquim. «Mas diz que não te encontrou, andou a rua toda – e esta rua nunca mais tem fim – e que não te encontrou. Até que, enfim, bateu aqui à porta, onde havia uma Matilde – naquele tempo havia poucas Matildes, era nome de velha – e depois ele disse que voltava cá.» E passados uns dias, voltou. O Joaquim estava doente de guerra, aqui no estabelecimento da Artilharia 1, onde acolhiam aqueles que tinham sobretudo problemas psíquicos e de pulmões, consequência triste de um tempo anormal... O Joaquim ficou numa alegria muito grande, e eu numa alegria muito grande por o ver, foi tão bom! Contou-me a sua vida: «Eu dizia à senhora que os meus pais andavam de terra em terra, mas os meus pais estavam presos; os meus pais não eram pessoas sérias, roubavam e eu não dizia à senhora até com medo que depois me deixasse de falar», e eu disse «Oh homem, eu nunca deixaria de te falar»; «Não?» Compreendi perfeitamente, coitado, o receio e até o pudor de falar dos seus pais nessas circunstâncias. «Hoje o meu pai já morreu e eu tenho em casa a minha mãe, a minha querida mãe, e ainda bem que encontro a senhora, porque os meus pais, com medo que a senhora viesse a saber o que eles eram, esconderam-me a morada da senhora e eu nunca mais soube de si.» O Joaquim estava doente, queria emigrar e eu disse: «Oh Joaquim, não vais emigrar...» – já estava casado, tinha um filho. Estava muito débil ainda, mas foi um bem ter reencontrado o Joaquim. Depois, apagou-se de novo na memória – na memória não, na convivência... Há tempos fui a uma escola no Porto, e tinha vindo no jornal que eu ia lá. Estava longe de imaginar o que ia acontecer quando subi os degraus da escola: estava o Joaquim, um homem forte já amadurecido, com um grande ramo de flores para mim; trabalhava bem e tinha a sua mulher, os seus filhos – estava um homem feliz. Talvez a palavra «resgatado» (ele próprio se resgatou da vida) seja um bocado dura, mas foi isso mesmo. Também eu fiquei feliz e comovida. Aí está o Joaquim d' *O Sol e o Menino dos Pés Frios*, e o Joaquim que aparece a dar uma flor ao palhaço que está triste na história d' *O Palhaço Verde* [Livros Horizonte, 2002]. O Joaquim é um elo da infância que traz paz e esperança.

Houve personagens que lhe custaram a inventar?

Não, quando custam a inventar não as invento.

E de que personagens foi mais difícil despedir-se?

Não sei dizer... A vida tem sido tão longa, já tem sido tanta coisa. Não estou a dizer que a vida é longa por ingratidão, não, mas é verdade...

Quando é que começou a coleccionar bonecas?

Eu não coleciono bonecas; estas são bonecas da vida que vivi cá em casa, com os meus pais. Esta boneca é da minha mãe, ora veja lá quantos anos tem a criatura... Outras são das minhas irmãs; a Januária [boneca que um tio lhe trouxe de Paris] foi para o museu [Museu do Brinquedo]... Não coleciono.

Mas tem histórias onde aparecem as suas bonecas?

Tenho um poemazinho para a Januária.

Às vezes escreve sobre meninos felizes, mas outras vezes escreve sobre meninos que não tiveram tantas oportunidades para brincar. O que é que a motiva a escrever sobre estes dois opostos?

Com certeza os opostos. A alegria é sagrada, e é tão bela, mas a tristeza merece muito respeito, temos de ter a rejeição dessa situação e tentar fazer alguma coisa para que ela não exista. Penso eu.

Em muitas das suas histórias optou por não escrever finais felizes. Porquê?

O que é que eu lhe posso dizer? Gostaria que fossem felizes e acho que [os] devia procurar, mas às vezes torcer a vida, o que temos dentro de nós e aquilo que vivenciámos é difícil. Os meninos que perdoem, está bem?

E em alguns livros escreve sobre pessoas de idade...

Também merecem; também são pessoas que convivem com a criança, e algumas que tenho conhecido, são pessoas de idade que tiveram uma infância que não foi vivida. Dizia o Dr. João dos Santos: «O segredo do homem é a própria infância.» Que me perdoem os meninos por escrever sobre pessoas de idade, mas eu sei que eles também são capazes de amar as pessoas de idade – sei até por experiência própria.

Acha que as histórias infantis devem transmitir obrigatoriamente mensagens às crianças?

Obrigatoriamente não, mas com certeza que transmitem. Através dos séculos, as histórias tradicionais e toda a literatura consagrada têm belas mensagens. Mas o «obrigatoriamente» ... talvez não seja tanto isso; a própria vida se encarrega de ser a mensageira, digo eu.

A literatura pode ajudar a desenvolver a consciência dos problemas sociais?

Pode, com certeza, se a literatura mergulha na vida, a vida tem esse lastro; não é o obrigatório, mas pode. Há aquela literatura que é espuma, leveza, que também é muito bela, mas há outra que nos faz pensar.

Há temas tabus na literatura para crianças? Regras específicas?

Tabus não sei; há coisas que realmente é inútil estar a mexer, que talvez não sejam muito úteis, mas tabu acho que não. Para a criança deve-se dar o melhor, com delicadeza, com profundidade, uma profundidade que seja própria para a criança, próxima da criança, porque a criança tem, muitas vezes, profundidade naquilo que nos diz, naquilo que nos pergunta.

Pode dar exemplos?

Não tenho exemplos, a vida é tão cheia de maus exemplos e bons exemplos que eu não lhe sei dizer.

E na linguagem, há regras que se deve seguir?

Acho que deve ser uma linguagem escorreita, respeitando a língua portuguesa na qual se escreve; não ter palavras muito complicadas, difíceis, mas também não pôr a língua muito rasa, porque a leitura também é uma promoção e a criança vai aprendendo. Há palavras que têm magia. Eu lembro-me, em criança, de repetir palavras pela música, porque há também a música, o silêncio e tudo isso. Há palavras difíceis, que se a criança for perguntar não há mal, com certeza – nós, toda a vida aprendemos.